



Notas no Diário de um ano ruim

José Roberto Goldim

O primeiro desafio é ler um texto em três textos, ou um texto em quatro tempos. Entremear os três textos - as vezes brilhantemente tecidos como uma rede de idéias que se transmutam de uma opinião, a um pensamento, a uma emoção - exige um esforço. Ler os três textos, cada um como um, e os três como um, é uma provocação, uma bela provocação.

Uma questão que gostaria de compartilhar foi a semelhança com que o autor apresentou seus ensaios aos escritos por Michel de Montaigne. São textos esparsos, abertos, diversos.

No início do ensaio Da Amizade, Montaigne escreveu:

“Contemplando o trabalho de um pintor que tinha em casa, tive vontade de ver como procedia. Escolheu primeiro o melhor lugar no centro de cada parede para pintar um tema com toda a habilidade de que era capaz. Em seguida encheu os vazios em volta com arabescos, pinturas fantasiadas que só agradam pela variedade e originalidade. O mesmo ocorre com este livro, composto unicamente de assuntos estranhos, fora do que se vê comumente, formado de pedaços juntados sem caráter definido de ordem, sem lógica e que só se adaptam por acaso uns aos outros...”

Esta descrição, para mim, poderia ser a resenha deste livro. A escrita cuidadosa de cada um dos ensaios, cercada dos arabescos variados e originais das narrativas pessoais.

Pelo tipo de formação, pelo cacoete de ler e criticar, de ler e buscar referenciar o texto a outros autores e idéias, a leitura do Diário de Um Ano Ruim foi muito desafiadora. Ative-me mais ao conjunto de textos meta-autorais, os encomendados pelo editor alemão, que aos outros dois.



Apreendi, pelo convívio e pela necessidade, a dar importância para as notas de rodapé. São elas que vou me atrever a compartilhar, buscando incluir novas provocações e mesclar novos autores e visões ao texto já elaborado.

Apresento algumas sugestões de notas de rodapé que permitem refletir sobre o que o autor escreveu em seus ensaios. Não fui até o final com as minhas notas, pois fiquei constrangido. Pareceu-me uma intromissão indevida e demasiada na criação de outro, mas fui até a metade. Enquanto fazia as minhas anotações no próprio livro, constantemente me lembrava do Talmud, que introduziu a possibilidade de estabelecer uma reflexão crítica sobre um tema polêmico, controverso ou obscuro.

p.8 Nota 1

Sobre o “direito é força, força é direito”, vale a pena lembrar Trasímaco (A República de Platão, 1o Livro). Este filósofo afirmava que “a Justiça não é outra coisa senão a conveniência do mais forte. Os fortes controlam o governo e fazem as leis”. Um bom livro sobre este tema é *Thrasymachus or the Future of Morals*, de Cyril Edwin M. Joad (Joad CEM. *Thrasymachus or the Future of Morals*. London: Kessinger Publishing, 2007), originalmente publicado em 1926. Neste livro o autor escreve quatro capítulos: 1) Moralidade como o interesse do mais forte; 2) A Moralidade de rebanho e a nova tirania do pensamento; 3) A nova liberdade de ação; 4) O conflito vindouro. Na página 2 deste livro, Joad faz exatamente esta mesma referência Thomas Hobbes.

2

p.10 Nota 2

A respeito da questão dos registros, da certificação do nascer e do morrer, vale sempre lembrar a diferença dos dois significados e grafias da palavra Vida em grego. Vida pode ser Zoé, representando a vida nua, a vida biológica, o estar vivo. Existe a necessidade de que seja encaminhado um Cartão de Nascido Vivo, dado por um médico para que o Registro de Nascimento seja feito. Neste momento Zoé se transforma em Bios, que representa a vida política, o bem viver, o estar no mundo. Da mesma forma, a morte, como Zoé é Atestada por um médico e Registrada, como Bios, no Cartório (Giorgio Agamben. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua*. Belo Horizonte: UFMG; 2002.) Isto pode ser entendido como uma clara manifestação do Biopoder, entendido como poder sobre a vida, especialmente, na perspectiva da mudança ocorrida do “fazer morrer e deixar viver” para o “fazer viver e deixar morrer”. Através de Biopolíticas, o Biopoder coordena e determina. (Michel Foucault. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes; 2002:287.). Através de Zoé ao Bios é sair do natural para o naturalizado. Mais vale o atestado e o registro que a constatação. O registro prevalece sobre a própria realidade.



p.10 Nota 3

Com relação aos animais não terem documentos de identificação, vale lembrar que os animais tem linhagem reconhecida, tem certificação de origem e rastreabilidade, inclusive de carcaça e de suas partes. O registro em uma linhagem inclui o animal em um grupo selecionado.

p.11 Nota 4

A metáfora da transformação dos bandidos - de predadores para parasitas - é excelente. O predador mata a presa para sobreviver, enquanto o parasita sobrevive por não matar o seu hospedeiro. Da lógica da destruição, da eliminação, para a da lógica da sujeição, do constrangimento. O parasita convive, pois a morte do hospedeiro é uma desgraça para o parasita.

p.18-19 Nota 5

Etienne de la Boétie escreveu o seu “Discurso da Servidão Voluntária”, ou “Contra Um”, como também foi conhecido, quando tinha 16 anos, alguns autores citam como tendo 19 anos (de la Boetie E. Discurso da Servidão Voluntária. São Paulo: Rev. dos Tribunais; 2003 [1549]). De la Boetie foi homenageado por Michel de Montaigne em seu texto “Sobre a amizade”, cuja melhor tradução seria “Das Relações Afetivas”, devido ao significado a época da palavra Amitié. Ele foi citado como exemplo de amigo, como uma pessoa especial, com a qual havia um grande prazer em compartilhar suas idéias e emoções. De la Boetie morreu aos 33 anos, deixando seus textos biblioteca para Montaigne, que acabou divulgando os mesmos post-mortem. O Discurso de de La Boétie foi, talvez, o precursor do anarquismo, foi utilizado como referência durante a Revolução Francesa. Por muitos foi considerado um texto juvenil, como de fato o era, mas que trouxe uma crítica e uma novidade ao tratar este tema de forma paradoxal. Para ele a primeira razão da servidão voluntária é o costume, pois a primeira razão por que os homens servem de bom grado é o fato de que nascem servos e são criados como tal (p.24-25).

Vale lembrar uma passagem Da Amizade, para demonstrar o quanto a sociedade mudou, evoluiu para melhor em sua compreensão sobre as relações afetivas:

“Por certo, se se pudesse formar com uma mulher, livre e voluntariamente, semelhante ligação, em que não apenas a alma provasse a plena satisfação, mas também o corpo encontrasse seu prazer, em que cada qual assim se entregasse por inteiro, a amizade seria mais perfeita e total; mas não há



exemplo de mulher que a tanto tenha chegado e, de comum acordo, todas as escolas filosóficas da antiguidade concluíram ser isso impossível. (p.181).

p.24 Nota 6

Na Lógica Modal, a necessidade é um modal forte (Sam A. Kripke. A completeness theorem in modal logic. *Journal of Symbolic Logic*. 1959;24:1-14). Isto significa que a necessidade tem prioridade sobre as possibilidades, que são modais fracas. Se praticar o mal para poucos pode gerar o bem para muitos, o mal pode ser legitimado, retornando a proposta de que os fins justificam os meios, de que os resultados bons justificam o uso de meios ruins. O presidente Bush utilizou este raciocínio utilitarista para justificar a tortura, pois uma confissão obtida mediante tortura pode beneficiar um grande contingente da população que estaria exposto a um ataque terrorista. Porém o mal não se justifica, ocorre quando o bem se afasta.

p.31 Nota 8

Sobre a questão dos teóricos do monitoramento de informações, em uma pesquisa da FOX NEWS, de 19 de abril, 90% da população norte-americana apóia que as mensagens eletrônicas, e-mails, sms,... não sejam consideradas como correspondência. Desta forma, estes meios perdem a proteção do direito a privacidade.

4

p.32 Nota 9

As ferramentas de *data mining*, mineração no texto, vasculham a cada 15s todos os conteúdos postados na Internet. São ferramentas baseadas em mecanismos de busca por palavras ou frases contidas nestes conteúdos, sejam eles quais forem. Estes mecanismos de busca não interpretam, identificam. Isto agrega um risco significativo ao uso da metáfora e da ironia. As figuras de linguagem podem ser interpretadas literalmente, com todos os riscos adicionais das traduções automáticas utilizadas por estas ferramentas.

p.34 Nota 10

Os animais mandados ao espaço não podem ser considerados como tendo sido “missões suicidas”, pois foram mandados, independentemente de suas vontades. Foram vítimas de mortes previstas em experimentos, mas não suicidas.



p.37 Nota 11

Nos ataques suicidas, desde o ponto de vista do suicida, não há uma ação por objetivos (Zweckrational), mas sim por valores (Wertrational). Segundo Max Weber, o primeiro é buscam objetivos, os suicidas valores (Weber M. Economy and Society: an outline of interpretive sociology. Berkeley: University of California; 1978 (1914).). A sua decisão, quando genuína, é não-razional, o que está em jogo não é a vida, mas o viver. Se Alá é a motivação, se o paraíso é o destino, a morte terrena nada mais é do que uma passagem. A morte de quem honra a tradição leva à passagem imediata para o paraíso, é atingir o seu destino último, de forma imediata, é sair do tempo para a eternidade.

p.38 Nota 12

A escolha da morte em vez da desonra é uma constante ao longo da história. Os japoneses optam pelo sofrimento auto-inflingido, na cerimônia do Seppuku, como forma de evitar a desonra aos antepassados. Outro suicídio ritual japonês era o Jigai, quando um subordinado se suicida por discordar de seu superior. As mulheres japonesas faziam o Jigai, para evitar um estupro por guerreiros inimigos. Neste ritual se amarravam das coxas aos tornozelos e morriam por corte na jugular. Na Europa, os oficiais prussianos se suicidavam por terem dívidas de jogo ou por perderem uma batalha. Os capitães da marinha de guerra naufragavam com seus navios, quando atingidos em combate. Mesmo no Brasil, Getúlio Vargas, disse sair da vida para entrar na história.

5

p.39 Nota 13

A Primeira Guerra Mundial trouxe a possibilidade da morte sem deixar cadáver, com as bombas incendiárias. A Segunda Guerra Mundial trouxe a morte sem uniformes, onde matar civis passa a ser um objetivo e não um acidente de combate. O incêndio de Dresden, as bombas de Hiroshima e Nagasaki, os campos de concentração, são terríveis exemplos. A guerra feita a distância, como em um videogame já é uma realidade. O risco é apenas do agredido, pois o agressor nem está presente. Das bombas jogadas aos acaso aos mísseis teleguiados, para os aviões e helicópteros sem tripulantes foi apenas mais uma etapa. O míssil é um fato extraordinário, mas o uso de aviões e helicópteros não. É a maximização do dano ao outro com um mínimo risco para o agressor. O risco é apenas material, não há risco de perdas humanas a serem justificadas.

p.48 Nota 14



Demóstenes (Contra Androtion 22.55-56) o que distingue o homem livre do escravo é o sacrossanto corpo/pessoa do primeiro, que deve ser respeitado, mesmo quando alguém é reconhecido como sendo culpado por ter feito alguma coisa errada. Desta forma, o homem livre não temia a dor, não por que fosse superior, mas por que não seria castigado. Dinarco (Contra Demóstenes 1.26-27) já contrapôs esta proteção ao homem livre, afirmando que apenas pela punição os crimes seriam evitados. A vergonha só ocorre quando existe o reconhecimento que se cometeu um ato moralmente inadequado. A vergonha não é temida, é fruto do reconhecimento. Deste reconhecimento da inadequação moral que surge a possibilidade do arrependimento.

p.48 Nota 15

O suicídio não preserva a honra, evita a desonra. Suicídio, neste contexto, é a impossibilidade de conviver ou elaborar a vergonha ou a culpa reconhecida, que por falta de tolerância ou humildade não evolui para o arrependimento.

p.59 Nota 16

Ver nota 1

6

p.66 Nota 17

Na Grécia antiga a relação pedagógica entre professor-aluno poderia evoluir para uma intimidade crescente inclusive sexual, desde que ocorresse estritamente na faixa etária adequada, de doze a dezoito anos. Abaixo dos doze anos a pederastia (amor por um menino – país, paidos) era uma infâmia. Dos doze aos quinze poderia ter um fim educativo, e dos quinze aos dezoito poderia haver uma escolha dos parceiros (Reinhold Aloysio Ullmann. Amor e Sexo na Grécia Antiga. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2007).

p.70 Nota 18

A matança de animais pode ser vista como natural ou artificial. Natural é abater um animal de corte para comer carne, para obter o couro. Artificial é abater um animal de estimação, pelo afeto, ou selvagem, pela proteção. Jacques Monod, em O Acaso e a Necessidade, em 1970 (Monod J. O acaso e a necessidade. Petrópolis: Vozes; 1989.), já propunha que a distinção entre natural e artificial é cada vez mais difícil. A própria natureza está sendo naturalizada. A mudança no perfil dos alunos da Faculdade de Veterinária está mudando este mesmo paradigma, pois da formação para lidar com animais de produção para lidar com animais de estimação, a atividade educacional fia

Mal-estar na Cultura / Abril-Novembro de 2010

Promoção: Departamento de Difusão Cultural - PROEXT-UFRGS

Pós Graduação em Filosofia - IFCH – UFRGS

www.malestarnacultura.ufrgs.br



deslocada. Por exemplo, a resistência dos alunos em terem aulas de técnica cirúrgica, pela dificuldade de entenderem o aspecto educativo do uso do animal.

p.74 Nota 19

A estratégia do vírus não é dominar o mundo, pois dificilmente terá a possibilidade de ter esta concepção. Os vírus podem ser vistos como zoé e como bios, pelos humanos: - como zoé, pela sua estrutura, pela infecção, pelo mecanismo como atuam as vacinas; - como bios pela sua utilização, pela estratégia de vacinação, pelo aspecto epidemiológico.

p.75 Nota 20

O vírus não tem estratégia, não tem intencionalidade. Os diferentes níveis de complexidade não podem ser ignorados. Não se pode comparar, mesmo em nível celular, um vírus com uma célula nervosa. O cérebro não é apenas um conjunto de células nervosas. Uma das bases da Teoria da Complexidade é a lei da composição: o Todo é mais do que a soma das Partes. O pensamento não pode ser reduzido apenas a reações bioquímicas, é bem mais que isto.

7

p.82-83 Nota 21

O esporte como diversão mudou para espetáculo, os atletas viraram atores que fazem performances. A perda do encantamento do esporte faz com que os torcedores se tornem espectadores, com a sensação de uma vitória fugaz, da busca constante pela próxima conquista, pelo continuado desafio. A espetacularização do esporte fez com que ocorram competições-espetáculos com uma alta frequência, gerando uma saturação de estímulos. O boxe profissional e outras lutas do mesmo tipo devem ser denominados de esportes de sangue, com reconhecimento do caráter abusivo com que os lutadores são tratados, como corpos, não como pessoas. A corrida de cavalos não é um esporte, é um jogo de alta manipulação, por isto acabou perdendo o encantamento que tinha, ficaram os cenários (Jockey Club). Da mesma forma, a tourada não é um esporte, pois não ocorre entre iguais, é um espetáculo.

p.89 Nota 22

Na floresta as espécies convivem em uma comunidade, não em uma simbiose. A comunidade sobrevive pela colaboração e não pela competição entre seus elementos, da autonomia para a interdependência.



p.91-95 Nota 23

A natureza é competitiva e colaborativa. Nos diferentes níveis de complexidade, diferentes níveis de competição podem levar a colaboração.

p.93 Nota 24

Sobre o Design Inteligente. A concepção de que a própria Terra seja um organismo vivo, denominado de Gaia, por James Lovelock (Lovelock J. Gaia: A New Look at Life on Earth. Oxford: Oxford; 1979.). As próprias teorias da evolução evoluíram. O darwinismo foi uma de tantas propostas. Atribuir inteligência ao universo como um todo, pensar em um projeto pré-existente que se desdobra ao longo do tempo e de etapas preconcebidas não tem sustentação científica. A ordem, a evolução pode surgir no próprio processo evolutivo. Alexei Kurakin, em um artigo "Order without design" afirmava: Apesar de quase todos concordarem que qualquer organização viva é um sistema aberto, não-equilibrado, com contínuo fluxo de matéria e energia, quase todos interpretam e modelam os sistemas e organizações vivas em termos da mecânica clássica, da termodinâmica do equilíbrio e engenharia, isto é, em termos e conceitos que são fundamentalmente incompatíveis com a física da vida (Kurakin A. Order without design. Theoretical Biology and Medical Modelling. 2010;7(1):12.).

8

Antes dele, Ilya Prigogine, em seu livro clássico "Order out of chaos", já apresentava a impossibilidade de se conhecer de antemão o resultado dos processos naturais (Prigogine I, Stengers I. Order out of chaos. Toronto: Bantam; 1984.). O tetragrama proposto por Edgar Morin explicou como a ordem e o caos se relacionam. O estado de ordem pode caotizar a partir do aumento das interações existentes entre os seus elementos. Por outro lado, um estado caótico pode se reordenar a partir de um princípio organizador. A nova ordem é diferente da anterior, ainda que seja aparentemente semelhante. Tudo evolui, nada é definitivo (Morin E. La méthode, 1: La nature de la nature. Paris: Seuil 1977.).

p.96-112 Nota 25

As contagens eram apenas representações de quantidades. No início o pastor guardava na bolsa tantas pedras quantas ovelhas tivesse, sem um nome para esta quantidade, apenas equipara a contagem das ovelhas com a das pedras.

Os números romanos permitiam contagens, os números arábicos permitem contagens e operações.



A proposta de que a partir das doze primeiras denominações todas as demais sejam capazes de ser deduzidas não é verdadeira. A denominação cem, mil, milhão..., não se constroem a partir das anteriores, se incluem novos significados. Em português um milhão são mil milhões, enquanto que na maioria dos países europeus um bilhão são um milhão de milhões.

No próprio francês a denominação do 80 ao 99 não é intuitiva, pois é uma composição difícil (80=quatre-vingt; 99=quatre-vingt-dix-neuf). Na Bélgica, 80 é ouittante. A denominação dos números, mais do que palavras são atributos.

O paradoxo de Zenão, entendido a luz dos conhecimentos atuais, introduz não a impossibilidade da chegada, mas a certeza da constante ultrapassagem. Zenão não considerou o tempo como variável.